

Ativismo alimentar urbano como luta pela soberania alimentar no Oeste do Canadá de 2014 a 2018

Urban food activism as struggle for food sovereignty in Western Canada from 2014 to 2018

Activismo alimentario urbano como lucha por la soberanía alimentaria en el Oeste de Canadá entre 2014 y 2018



Ricardo Barbosa Jr.

University of Calgary - Calgary - Alberta - Canadá

ribarbosajr@gmail.com



Estevan Coca

Universidade Federal de Alfenas - Alfenas - Minas Gerais - Brasil

estevan.coca@unifal-mg.edu.br

Resumo: Nos últimos anos, além de ser utilizada como referência nas lutas de movimentos camponeses do Hemisfério Sul – característica central de sua 'primeira geração' – a soberania alimentar (SA) também tem sido incorporada em contextos urbanos do Hemisfério Norte, o que demarca sua 'segunda geração'. Reconhecendo que ainda existe uma lacuna de estudos que abordem esse processo no contexto canadense, o presente trabalho tem como objetivo discutir a 'segunda geração' da SA em duas cidades do Oeste do Canadá: Vancouver, na Colúmbia Britânica, e Calgary, em Alberta. Para essa análise, empregamos metodologias qualitativas de natureza exploratória para compreender como a SA pode ser abordada em contextos urbanos do Canadá a partir das práticas dos

Oeste canadense, a SA pode ser compreendida por meio de uma perspectiva ampla, se relacionando às diversas etapas dos sistemas agroalimentares.

Palavras-chave: Soberania alimentar 'urbana'. Ativismo alimentar urbano. Canadá.

Abstract: Over the last years, food sovereignty (FS) has not only become a reference in the struggles of peasant movements in the Southern Hemisphere – a central feature of its 'first generation' – but also been incorporated into the urban contexts of the Northern Hemisphere, which marks its 'second generation'. Recognizing that there is still a gap in studies addressing the process in the Canadian context, this paper aims to discuss the 'second generation' of FS in two cities of Western Canada: Vancouver, in British Columbia, and Calgary, in Alberta. For this analysis, we use qualitative exploratory methodologies to understand how FS can take place in urban contexts in Canada through the practices of urban food activists. Among the main results, we find that in the urban context of the Canadian West, FS can be understood through a broad perspective, across various stages of agri-food systems.

Keywords: 'Urban' food sovereignty. Urban food activism. Canada.

Resumen: En los últimos años, además de ser utilizada como referencia en las luchas de movimientos campesinos del hemisferio Sur – característica central de su 'primera generación' – la soberanía alimentaria (SA) ha sido también incorporada en contextos urbanos del hemisferio Norte, lo que demarca su 'segunda generación'. Reconociendo que todavía existe una brecha de investigación que aborde este proceso en el contexto canadiense, el presente trabajo tiene como objetivo discutir la 'segunda generación' de la SA en dos ciudades del oeste de Canadá: Vancouver, en la Columbia Británica, y Calgary, en Alberta. Para este análisis, empleamos metodologías cualitativas de naturaleza exploratoria para comprender cómo la SA puede ser abordada en contextos urbanos de Canadá a partir de las prácticas de los activistas alimentarios urbanos. Entre los principales resultados, constatamos que, en el contexto urbano del oeste canadiense, la SA puede ser comprendida por medio de una perspectiva amplia, relacionándose con las diversas etapas de los sistemas agroalimentarios.

Palabras clave: Soberanía alimentaria 'urbana'. Activismo alimentario urbano. Canadá.

Introdução

Nas últimas décadas, o termo 'soberania alimentar' (SA) tem sido utilizado como referência teórica e diretriz de políticas públicas, além de ser uma bandeira de luta de diversos movimentos e organizações do campo e da cidade que contestam o regime alimentar corporativo (McMICHAEL, 2014; CHAIFETZ; JAGGER, 2014; COCA; BARBOSA JR, 2016). Nesse cenário, têm emergido análises sobre a expansão da SA de contextos rurais do Sul global a contextos urbanos no Norte, o que caracteriza sua 'segunda geração' (De SCHUTTER 2015; McMICHAEL 2015a; COCA; BARBOSA JR, 2018). O fato de que a SA também tem aparecido nas demandas de ativistas urbanos, pode ser lido como um dos componentes do que Alkon e Guthman (2017) chamam de novo ativismo alimentar.

Essa ocorrência, que pode ser entendida como SA 'urbana', ainda permanece praticamente não estudada no contexto canadense, mesmo sabendo-se das experiências em desenvolvimento nesse país. Há estudos prévios sobre SA no Canadá, tanto a nível nacional (DESMARAIIS; WITTMAN, 2014; MARTIN; ANDRÉE, 2014; SHAWKI, 2015; WITTMAN; DESMARAIIS; WIEBE, 2011) e, em menor grau, provincialmente (WITTMAN; BARBOLET, 2011). No entanto, faltam estudos que examinem a SA na escala da cidade. Com esse artigo procuramos trazer contribuições para o preenchimento dessa lacuna ao explorar a SA construída por meio do ativismo alimentar urbano em duas cidades do Oeste do Canadá: Vancouver, na Colúmbia Britânica e Calgary, em Alberta.

Procedimentos metodológicos

Esse trabalho agrega resultados obtidos nas trajetórias recentes dos seus autores, os quais possuem em comum o fato de terem investigado experiências de ativismo alimentar urbano no Canadá por meio da lente teórico-metodológica da SA. No que se refere ao primeiro autor, isso se deu através de um estágio internacional de pesquisa realizado na University of British Columbia (UBC), entre maio e agosto de 2015 por meio do programa Mitacs Globalink e de sua pesquisa de mestrado realizada entre 2017 e 2018, na University of Calgary. Sobre o segundo autor, destaca-se a realização de um estágio de

doutorado sanduíche na UBC entre novembro de 2014 e outubro de 2015. Nessas experiências, tendo como base os exemplos de Vancouver e Calgary, investigou-se por meio de procedimentos qualitativos, como se expressam alguns dos componentes da 'segunda geração' da SA como hortas e fazendas urbanas, *farmers' markets* (mercados de produtos locais), *food policy councils* (conselhos de políticas alimentares) e ações de *food literacy* (educação alimentar) nas escolas.

Dentre os resultados dessa trajetória que contribuíram diretamente para a produção desse artigo, destaca-se primeiramente a realização de amplas pesquisas bibliográficas e documentais sobre os temas abordados. Também são contabilizados resultados de dezenas de trabalhos de campo nas áreas metropolitanas de Vancouver e Calgary nos períodos supracitados. Nessas oportunidades, foram realizadas 30 entrevistas semiestruturadas com ativista alimentares, além da participação em cursos e eventos das comunidades estudadas sobre alimentos e agricultura urbana. Com base nessas experiências, foi possível explorar as possíveis relações entre a SA e o ativismo alimentar urbano em Vancouver e Calgary.

As bases teóricas da SA

Nos últimos anos têm sido produzidas centenas de trabalhos acadêmicos sobre a SA (COCA, 2016), especialmente em língua inglesa (EDELMAN, 2014). Isso se dá pelo fato de que desde quando foi incorporada como bandeira de luta da coalizão global de movimentos rurais La Via Campesina, em 1996, a SA tem sido a mais sólida proposta de caráter contra-hegemônico que visa substituir o atual regime alimentar corporativo, que é hegemônico na atualidade, por um modelo baseado no protagonismo de grupos populares. Não à toa, a própria La Via Campesina se tornou uma das principais vozes do movimento antiglobalização, principalmente por meio do questionamento às regras de funcionamento da Organização Mundial do Comércio (BARBOSA JR; COCA, 2015), a financeirização da agricultura (DESMARAIS, 2007) e a defesa pela implementação ampla do Direito Humano à Alimentação Adequada (McMICHAEL 2015b).

Ao ser incorporada pela La Via Campesina, a SA foi apresentada, primeiramente, como uma alternativa à segurança alimentar, que vinha sendo trabalhada por instituições

multilaterais – especialmente a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) – e diversos governos como uma estratégia para a superação da fome e de outros problemas relacionados a alimentação. Ocorre que, dentre os quatro pilares da segurança alimentar (i.e., disponibilidade, acesso, utilização, estabilidade) (SIMON, 2012) não consta o objetivo de superar as contradições estruturais do agronegócio enquanto modelo hegemônico de desenvolvimento para o campo (WITTMAN, 2011). Assim, num primeiro momento, ou em sua 'primeira geração', o objetivo explícito da SA foi romper com a agricultura industrial por meio da emergência de sistemas agroalimentares onde camponeses, indígenas e povos tradicionais controlem os processos agroalimentares. Isso se daria por meio de modificações estruturais nas etapas de produção e consumo de alimentos, tendo um vínculo expressivo com as lutas de movimentos sociais camponeses pela realização da reforma agrária (BORRASJR, 2008; CARTER, 2015).

Devido ao fato de ser uma proposta ainda em construção – o que não impede a implementação de ações que tenham alguns dos seus elementos (AKRAM-LODHI, 2015) – o escopo da SA tem sido ampliado no decorrer dos anos. Em razão disso, foram incorporados novos temas aos seus objetivos como a igualdade de gênero na produção e consumo de alimentos (PARK; WHITE; JULIA, 2015), a implementação de práticas agroecológicas (ALTIERI, 2009; BARBOSA; ROSSET, 2017) e a construção de mercados alternativos e solidários para comercialização de produtos de origem indígena e camponesa (BECKIE; KENNEDY; WITTMAN, 2012; ROSOL; BARBOSAJR, 2021).

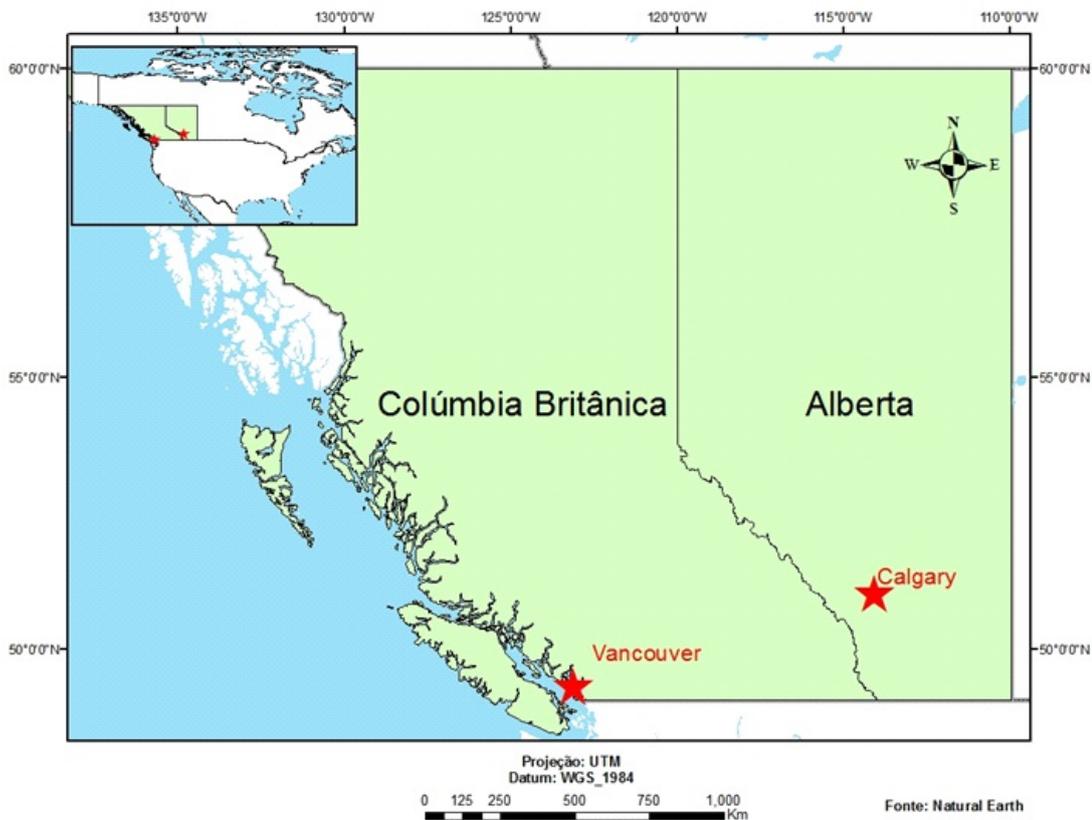
Contudo, uma das mudanças de maior destaque foi a definição da escala onde a SA deve ocorrer. Ao ser incorporada pela La Via Campesina (1996), entendia-se que ela deveria se dar na escala da 'nação'. Com isso, a SA era trabalhada numa proximidade da clássica concepção de soberania oriunda do Tratado de Westfália (1648), uma das referências para o entendimento do Estado-Nação Moderno (CONVERSI, 2016). Posteriormente, essa leitura foi ampliada, de modo que se passou a defender a ocorrência da SA na escala da comunidade, ou seja, ela era colocada como a necessidade ou direito de cada 'povo' controlar seu próprio processo de alimentação (FORUM FOR FOOD SOVEREIGNTY, 2007). Com isso, a SA consolidou-se como uma referência das discrepâncias do processo de globalização neoliberal, de modo que ao mesmo tempo são produzidas a homogeneização e a diferenciação dos espaços.

No bojo de tais mudanças, têm chamado a atenção nos últimos anos a emergência da 'segunda geração' da SA, a qual enfatiza também a participação dos espaços urbanos na construção dessa proposta contra-hegemônica (De SCHUTTER 2015; McMICHAEL 2015a; COCA; BARBOSA JR, 2016, 2018;). Assim, sem descartar a importância das mudanças produtivas no campo, a SA tem dialogado também com experiências desenvolvidas em espaços urbanos, onde a leitura do alimento como uma mercadoria, semelhante a outra qualquer, é substituída pela compreensão de que ele possui um caráter multidimensional, estando relacionado a fatores como saúde pública (OTERO, 2018), geração de renda na escala regional (WITTMAN; BLESCH, 2017), combate ao aquecimento global (SAGE, 2011) e (res)socialização de grupos marginalizados (HOLT GIMÉNEZ; SHATTUCK, 2011).

Convergências entre a 'segunda geração' da SA e o ativismo alimentar urbano em Calgary e Vancouver

As regiões metropolitanas de Vancouver e Calgary (mapa 01) estão entre os maiores centros urbanos do Canadá, com aproximadamente 2.250 e 1.250 milhões de habitantes, respectivamente (STATISTICS CANADA, 2017). Em razão disso, elas também se destacam por reproduzirem em escala ampliada alguns dos principais problemas que caracterizam o sistema agroalimentar canadense, dentre os quais: dependência de produtos alimentares importados; crescentes índices de fome entre indígenas, imigrantes e minorias raciais (De SCHUTTER 2012), e; aumento do número de pessoas que dependem de bancos de alimentos para suprir suas necessidades nutricionais (FOOD BANKS CANADA, 2020).

Mapa 01 – Localização de Vancouver e Calgary



Contudo, a SA nasce das contradições do capitalismo, devido ao fato desse modo de produção ter como características a transformação do alimento em mercadoria (VIVERO-POL et al., 2018). Assim, é nos contextos em que o desequilíbrio sistêmico capitalista se manifesta de modo mais profundo que emergem propostas contra-hegemônicas lideradas pelos grupos subalternos. No caso dos centros urbanos canadenses, uma das principais expressões disso é a luta de ativistas alimentares urbanos que possuem como objetivo modificar o sistema alimentar urbano e o modelo de relação da população urbana com o alimento. Dentre as diversas contribuições que o ativismo alimentar tem trazido na busca pela superação das desigualdades estruturais do capitalismo, destacamos na sequência três delas: i) a redefinição da divisão do trabalho entre a cidade e o campo; ii) a criação de estratégias de (re)democratização e inclusão dos sistemas alimentares e; iii) a emergência de 'mercados alternativos e solidários' de alimentos.

Redefinindo a divisão entre campo e cidade

Em espaços como hortas e fazendas urbanas constata-se por

parte dos ativistas alimentares a produção de complexidades espaciais que exigem uma reinterpretação das afirmações de que a cidade é exclusivamente consumidora de alimentos.

No começo da última década já existiam em Vancouver 97 hortas e 18 pomares comunitários (CITY OF VANCOUVER, 2013). Num primeiro momento, isso aparece como uma vontade das autoridades municipais de fazer de Vancouver a cidade mais verde do mundo até o no de 2020. No ponto 10 do documento *Greenest City: 2020 action plan* (A cidade mais verde: plano de ação para 2020), destaca-se a intenção de transformar Vancouver numa referência global em sistemas alimentares urbanos sustentáveis. Para isso são pontuadas as seguintes prioridades: i) desenvolver uma estratégia alimentar municipal para coordenar todos os aspectos do sistema alimentar; ii) cultivar mais alimentos na cidade e; iii) tornar o alimento disponível nos centros comunitários, parques e outros aparelhos de administração municipal, através de um plano local de aquisição de alimentos (CITY OF VANCOUVER, 2012). Contudo, é importante ressaltar que embora exista essa pré-disposição do governo municipal em colaborar com a produção urbana de alimentos, na verdade o principal responsável por tais ações é o protagonismo de ativistas alimentares urbanos (FODOR, 2011). Isso fica evidente no caso das escolas que tem visto nas hortas urbanas oportunidades de se trabalhar a educação alimentar (POWELL; WITTMAN, 2018; COCA; BARBOSA JR, 2018). Como demonstrado em Coca e Barbosa Jr (2018), existe pouca contribuição do Poder Público para a produção dessas iniciativas, o que faz com que elas sejam lideradas por professores, pais de alunos, membros da comunidade local e outros. Para ilustrar isso, na Figura 01 é apresentada a horta urbana da Vancouver Technical School, onde a organização-não governamental Fresh Roots desenvolve ações de *food literacy* (educação alimentar).

Figura 01 – Horta da Vancouver Technical School



Fonte: Autores, 2015.

Já em Calgary, há 82 hortas comunitárias privadas e 87 hortas comunitárias públicas (CALGARY HORTICULTURAL SOCIETY, 2016). Este total de pelo menos 169 hortas comunitárias localizadas dentro dos limites de Calgary representa um aumento significativo na produção de alimentos na cidade desde a última década e se soma a mais de 12 outras iniciativas de agricultura urbana localizadas em terras privadas e 3 localizadas em terras públicas. Enquanto a produção de alimentos dentro da cidade tem aumentando, ainda permanecem desafios como a dificuldade de ter acesso à terra e restrições legais a possibilidades de comercialização do alimento produzidos no espaço urbano. Agricultores urbanos têm recebido algum apoio do governo municipal e provincial, os quais disponibilizaram terras públicas para iniciativas de agricultura urbana que sejam obrigatoriamente filantrópicas, mas sem oferecer condições materiais básicas como infraestrutura, solo agricultável e acesso a água. Tudo isso restringe significativamente as possibilidades de sucesso de tais iniciativas de agricultura urbana em terras públicas. Já os agricultores urbanos que cultivam terras privadas (normalmente quintais cedidos por terceiros para este fim), encontram dificuldades em comercializar seus produtos, dado que o zoneamento das terras de grande parte da cidade prevê a produção de alimentos somente para o consumo próprio e não para fins comerciais. Uma mudança recente da legislação municipal regularizou a produção de alimentos que não seja baseada no solo (e.g., aquaponia e hidroponia) dado que o setor de desenvolvimento econômico da cidade reconhece o potencial

de mercado dessas novas tecnologias. Todavia, isto ainda não representa um avanço aos agricultores urbanos que cultivam o solo e produzem quantidades significativas de alimentos para comercialização (SCHNEIDER; FAST, 2017). Essas mudanças, mesmo que graduais, vêm a encontro ao plano de ação da política alimentar da cidade denominada de *CalgaryEATS!* (Calgary come) (THE CALGARY FOOD COMMITTEE, 2012). Este plano foi desenvolvido por ativistas alimentares urbanos em parceria com o governo municipal que a adotou formalmente. Todavia, o consenso é que até o momento este documento tem tido pouca efetividade nas políticas municipais e no sistema alimentar de Calgary como um todo, como demonstrado pelos Relatório de Progresso dos anos de 2014 e 2017 (THE CITY OF CALGARY, 2015, 2017).

Sendo assim, os exemplos de Vancouver e Calgary denotam a utilização de espaços urbanos para a produção de alimentos como resultado do protagonismo dos ativistas alimentares urbanos. Essa é uma das expressões da 'segunda geração' da SA, destacando maior complexidade na relação campo-cidade, indo além das perspectivas dicotômicas. É comum aos dois casos o fato de que, apesar de existir uma certa contribuição do Poder Público para seu desenvolvimento, o protagonismo se centra de modo mais enfático na sociedade civil.

Sistemas alimentares urbanos mais democráticos e inclusivos

Outro elemento a ser destacado nas articulações estabelecidas pelos ativistas alimentares de Vancouver e Calgary é o fato de priorizarem o desenvolvimento de ações voltadas para pessoas em situação e vulnerabilidade social e/ou que se incluem entre as minorias étnicas, raciais, de gênero e outras. Esse é um exemplo de como a emergência de um contexto de SA exige o diálogo com as mais importantes conflitualidades do presente, as quais não se dão exclusivamente no plano econômico, envolvendo as relações capital-trabalho.

Em Vancouver, uma das hortas urbanas mais expressivas se localiza na Hastings Avenue (Figura 02), onde se encontra o principal centro de concentração de dependentes químicos da cidade. Nesse caso, a horta urbana, além de fornecer alimentos para essa parcela da comunidade, também funciona como uma oportunidade de trabalho para alguns de seus

oportunidade de trabalho para alguns de seus membros (FODOR, 2011). Ainda sobre Vancouver, também se observa esse caráter social da 'segunda geração' da SA por meio de hortas urbanas nas áreas de reserva indígenas, a exemplo das comunidades de First Nations, Métis e Inuit. Reconhecendo que na província da Colúmbia Britânica, 48% das crianças indígenas se encontram em situação de insegurança alimentar (MacDONALD; WILSON 2013), constata-se mais uma vez a afirmação de que a SA se reproduz nos contextos de contradição do capitalismo.

Figura 02 - Hastings Urban Farm, em Vancouver



Fonte: Autores, 2015.

Por seu turno, a Grow Calgary é uma iniciativa desenvolvida em Calgary que se destaca por unir a agricultura urbana à luta pela justiça social (Figura 03). A organização toma forma de uma fazenda urbana de 11 hectares localizada em terras provinciais contidas dentro dos limites municipais da cidade e alega ser a 'maior fazenda urbana do Canadá'. A Grow Calgary se difere de outras fazendas urbanas por depender exclusivamente de trabalho voluntário e doações para seu funcionamento. Em retorno, toda sua produção é doada a organizações socioassistenciais da cidade, com 95% dos destinatários sendo mulheres e crianças (GROW CALGARY, 2018). A Grow Calgary se

identifica como uma 'fazenda comunitária' (*community farm*) que busca promover a 'dignidade alimentar' (*food dignity*) (BARBOSA JR; BURNS, 2021). Em outros termos, a iniciativa tem o objetivo de promover acesso mais democrático a alimentos locais, frescos e produzidos com boas práticas agrícolas. Assim, a Grow Calgary busca mostrar, por exemplo, que há alternativas possíveis ao modelo de bancos alimentares que fornecem alimentos não perecíveis, industrializados e de baixo valor nutricional (RICHES, 2018). Além de chamar atenção ao fato de que toda a parcela da população deve ter acesso a alimentos de qualidade, a Grow Calgary também é um espaço onde todos podem participar da produção de alimentos. Por depender exclusivamente em mão de obra voluntária, a fazenda tem se tornado um polo de educação alimentar. Por exemplo, durante o período de plantio de 2017, 5.000 estudantes visitaram a fazenda em 50 dias (FRIESEN, 2017) e nestas ocasiões, aprenderam sobre alimentos e agricultura, além de terem tido a oportunidade de participar dos processos de cultivo de forma prática. A Grow Calgary também promove a inclusão de forma mais ampla com programas e atividades dedicados a pessoas com necessidades especiais, grupos de mulheres que sofreram abuso e violência domésticos, grupos de jovens indígenas, imigrantes e outros.

Figura 03 - Grow Calgary, em Calgary



Fonte: Autores, 2018.

Assim, a 'segunda geração' da SA pode ser compreendida como uma resposta às principais lutas por reconhecimento e redistribuição que caracterizam a sociedade contemporânea (FRASER, 1995), as quais, evidentemente, repercutem nas diferentes etapas, escalas e processos dos sistemas agroalimentares.

Espaços de comercialização alternativos e relações de consumo solidárias

O terceiro elemento que destacamos da vinculação entre o ativismo alimentar urbano e a 'segunda geração' da SA é a criação de 'mercados solidários' de alimentos. De um modo simplificado, esses canais alternativos de comercialização (ROSOL, 2020) se baseiam em mecanismos de comércio justo, onde busca a superação do consumismo individualista característico das sociedades capitalistas, considerando a convergência dos interesses de produtores e consumidores.

Dentre os exemplos analisados em Vancouver isso pôde ser percebido no caso da fazenda experimental da UBC. Além de funcionar como um espaço de produção e transmissão de conhecimentos, ela também possui atuação comercial, contudo, valorizando os mecanismos de comércio justo. Um dos canais de comercialização dessa fazenda experimental baseia-se no modelo de *Community Supported Agriculture* (Agricultura Apoiada pela Comunidade – CSA), em que pessoas físicas pagam uma taxa, neste caso de C\$ 550, para receber uma vez por semana, durante vinte semanas consecutivas (verão e outono), uma cesta com produtos cultivados através de métodos orgânicos pelos agricultores urbanos dessa unidade produtiva. Como destacado no estudo de Jarosz (2008), ações de criação de redes de CSA como essa em questão, possuem o mérito de criar uma maior proximidade entre os que produzem e os que consomem alimentos, constituindo-se como alternativas ao modelo hegemônico de organização dos sistemas agroalimentares.

Também há casos de CSA em Calgary, e um em específico com características próprias, dado que este CSA é organizado por uma cooperativa de agricultores urbanos e rurais e não por uma única unidade produtiva. O YYC Growers and Distributors¹ surgiu quando um grupo de agricultores urbanos decidiram se unir, ao oposto de competir entre si. Inicialmente, tratou-se de um esforço a reduzir a quantidade de tempo e esforço gasto para

a reduzir a quantidade de tempo e esforço gasto para comercializar os alimentos em mercados de produtos locais e para ter quantidades de produtos suficiente para organizar uma CSA. Conforme foram conquistando espaço de mercado e a demanda por sua CSA aumentava, a cooperativa se expandiu, de modo a incluir também agricultores do campo, dado que havia demanda por mais produtos. O YYC Growers (2018), atualmente, conta com 20 agricultores membros da cooperativa que fornece produtos e uma robusta e complexa rede de distribuição, tendo terminado a sua última temporada no outono de 2017 com mais de 900 cestas (Figura 04). Ainda que a incorporação de produtores rurais tenha sido resultado de uma necessidade de ampliação produtiva para atingir novos mercados, os agricultores urbanos relatam que essa aproximação foi de suma importância para informar suas práticas produtivas. Já os produtores rurais relatam estar bastante satisfeitos com esse novo canal de comercialização, pois recebem um valor acima dos de mercado pelos seus produtos, sem precisar se dedicar tanto tempo para atingir mercados urbanos. Todavia, os consumidores da CSA ainda conseguem ter acesso às informações e histórias de como seu alimento é produzido por meio de campanhas digitais promovidas pela organização.² Este modelo de CSA é promissor por envolver uma organização que faz mediação nas relações campo-cidade e produção-consumo (ROSOL; BARBOSA JR, 2021), mas sem que os agricultores percam o controle decisório sobre os processos alimentares (BECKIE; BACON, 2019). Estes processos que são regulados por eles mesmos e não uma corporação administrada por terceiros.

Figura 04 - YYC Growers, em Calgary



Fonte: Autores, 2018.

Nesse sentido, em Vancouver e Calgary a criação e consolidação de canais alternativos de comercialização de alimentos baseada em valores solidários por ativistas alimentares urbanos consta como parte da 'segunda geração' da SA. Dentre outros fatores, como o aumento de renda dos produtores e o acesso a alimentos frescos e locais aos consumidores, isso tem contribuído para gerar uma maior aproximação entre produtores e consumidores.

Considerações finais

As discussões trazidas nesse texto destacaram que ativistas alimentares urbanos de Vancouver e Calgary, mesmo não tendo isso como objetivo imediato, têm desenvolvido uma série de ações de resistência à hegemonia do regime alimentar corporativo em busca de mudanças em seus sistemas alimentares urbanos. Reconhece-se que nas cidades, as desigualdades do capitalismo repercutem de modo intenso e propositivo, o que faz com que existem diversas discrepâncias nos sistemas agroalimentares urbanos, principalmente por meio do cada vez maior distanciamento entre produtores e consumidores de alimentos. Nesse sentido, o ativismo alimentar urbano tem contribuído para uma ressignificação da relação entre a população das cidades e o alimento e a agricultura. Como base em três processos em desenvolvimento em Vancouver e Calgary demonstramos que existe uma convergência entre a *praxis* do ativismo alimentar urbano que contesta a cidade neoliberal e seu sistema alimentar e a 'segunda geração' da SA.

O trabalho mostrou como o ativismo alimentar urbano tem ocorrido no Canadá por meio do protagonismo da sociedade civil, da busca pela redistribuição de poder e da solidariedade construída pelos que ocupam uma condição subalterna na sociedade. O protagonismo da sociedade civil se dá pelo fato de que no Canadá a razão neoliberal orienta a atuação dos governos. Assim, mesmo que exista uma relativa contribuição do poder público municipal para a implementação de espaços como hortas urbanas e redes de distribuição de alimentos, o maior destaque é das organizações populares. A redistribuição de poder destaca que a questão alimentar é correlata a outros problemas estruturais da sociedade, o que reforça a ideia de que eles devem ser abordados de modo conjunto. Por fim, a solidariedade é um

indicativo de que tais ações vão no sentido contrário do modelo alimento-mercadoria que predomina na atualidade.

Notas

1. 'YYC' se refere a sigla do aeroporto de Calgary e é comumente utilizada para substituir o nome da cidade por extenso.
2. Veja www.instagram.com/yycgrowers/.

Referências

AKRAM-LODHI, A. H. Accelerating towards food sovereignty. **Third World Quarterly**, v. 36, n. 3, p. 563–583, 2015.

ALKON, A.; GUTHMAN, J. **The new food activism: Opposition, cooperation, and collective action**. Oakland: University of California Press, 2017.

ALTIERI, M. A. Agroecology, small farms, and food sovereignty. **Monthly review**, v. 61, n. 3, p. 102–113, 2009.

BARBOSA, L.; ROSSET, P. Rural Education and agroecological peasant pedagogy in Latin America: experiences of La Vía Campesina and the CLOC. **Educação & Sociedade**, v. 38, p. 705–724, 2017.

BARBOSA JR, R.; COCA, E. The WTO's international multilateral trade system and its effects on the production and consumption of food. **Boletim Meridiano 47**, n. 150, p. 42–49, 2015.

BARBOSA JR., R.; BURNS, R. A community farm maps back! Disputes over public urban farmland in Calgary, Alberta. **Journal of Maps**, v. 17, n. 1, p. 46–54, 2021.

BECKIE, M. A.; KENNEDY, E. H.; WITTMAN, H. Scaling up alternative food networks: Farmers' markets and the role of clustering in western Canada. **Agriculture and Human Values**, v. 29, n. 3, p. 333–345, 2012.

BECKIE, M.; BACON, E. Catalyzing change in local food system governance in Calgary, Alberta: The role of YYC Growers and Distributors Cooperative. In: ANDRÉE, P. et al. (Eds.). **Civil Society and Social Movements in Food System Governance**. Abington, UK: Routledge, 2019.

BORRAS JR, S. M. La Vía Campesina and its global campaign for agrarian reform. **Journal of agrarian change**, v. 8, n. 2–3, p. 258–289, 2008.

CALGARY HORTICULTURAL SOCIETY. **Community Gardens Resource Network**. 2016. Disponível em: <https://www.calhort.org/>. Acesso em: 1 maio. 2020.

CARTER, M. **Challenging social inequality: the landless rural workers movement and agrarian reform in Brazil**. Durham, NC: Duke University Press, 2015.

CHAIFETZ, A.; JAGGER, P. 40 Years of dialogue on food sovereignty: A review and a look ahead. **Global Food Security**, v. 3, n. 2, p. 85–91, 2014.

CITY OF VANCOUVER. **Greenest City - 2020 Action Plan**. Vancouver. 2012.

CITY OF VANCOUVER. **What feed us: Vancouver Food Strategy**. Vancouver. 2013.

COCA, E. 20 anos da proposta de soberania alimentar: construindo um regime alimentar alternativo. **Revista NERA**, n. 32, p. 14–33, 2016.

COCA, E.; BARBOSA JR, R. (Re)Approximating food producers and consumers in Metro Vancouver, Canada. **Dimensión Empresarial**, v. 14, n. 1, p. 11–26, 2016.

COCA, E.; BARBOSA JR, R. Hortas escolares em Vancouver, Canadá como parte da “segunda geração” da soberania alimentar. **Ateliê Geográfico**, v. 12, n. 1, p. 219–236, 2018.

CONVERSI, D. Sovereignty in a changing world: From Westphalia to food sovereignty. **Globalizations**, v. 13, n. 4, p. 484–498, 2016.

De SCHUTTER, O. **Report of the special rapporteur on the right to food: mission to Canada**. Geneva: United Nations, 2012.

De SCHUTTER, O. **Food democracy South and North: from food sovereignty to transition initiatives**. 2015. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/en/food-democracy-south-and-north-from-food-sovereignty-to-transition-initiatives/>. Acesso em: 1 maio. 2020.

DESMARAI, A. A. **La Vía Campesina: globalization and the power of peasants**. Halifax: Fernwood Publishing, 2007.

DESMARAI, A. A.; WITTMAN, H. Farmers, foodies and First Nations: getting to food sovereignty in Canada. **Journal of Peasant**

Peasant Studies, v. 41, n. 6, p. 1153–1173, 2014.

EDELMAN, M. Food sovereignty: forgotten genealogies and future regulatory challenges. **The Journal of Peasant Studies**, v. 41, n. 6, p. 959–978, 2014.

FODOR, Z. **Peope systems in support of food systems: the neighborhood food justice network movement in Vancouver, British Columbia**. Vancouver: University of British Columbia, 2011.

FOOD BANKS CANADA. **HungerCount 2019**. 2020. Disponível em: <https://hungercount.foodbankscanada.ca/?_ga=2.242747652.744818075.1588186363-264641450.1588186363>. Acesso em: 1 maio. 2020.

FORUM FOR FOOD SOVEREIGNTY. **Declaration of Nyéléni**, 2007.

FRASER, N. From redistribution to recognition? Dilemmas of justice in a “post-socialist” age. **New Left Review**, n. 212, p. 68–93, 1995.

FRIESEN, J. Grow Calgary: 5,000 students in 50 days. **Calgary Metro**. 2017.

GROW CALGARY. **Grow Calgary: about us**. 2018. Disponível em: <https://www.growcalgary.ca/about/>. Acesso em: 1 maio. 2020.

HOLT GIMÉNEZ, E.; SHATTUCK, A. Food crises, food regimes and food movements: rumblings of reform or tides of transformation? **The Journal of peasant studies**, v. 38, n. 1, p. 109–144, 2011.

JAROSZ, L. The city in the country: Growing alternative food networks in Metropolitan areas. **Journal of Rural Studies**, v. 24, n. 3, p. 231–244, 2008.

LA VIA CAMPESINA. **Declaración de Tlaxcala de La Via Campesina**, 1996.

MACDONALD, D.; WILSON, D. **Poverty or Prosperity. Indigenous Children in Canada**. Ottawa: Sava the Children. 2013. Disponível em: <https://www.policyalternatives.ca/publications/reports/poverty-or-prosperity>. Acesso em: 1 maio. 2020.

ations/reports/poverty-or-prosperity. Acesso em: 1 maio. 2020.

MARTIN, S. J.; ANDRÉE, P. From food security to food sovereignty in Canada: resistance and authority in the context of neoliberalism. In: ANDRÉE, P. et al. (Eds.). **Globalization and food sovereignty: global and local change in the new politics of food**. Toronto: University of Toronto Press, 2014. p. 173–198.

McMICHAEL, P. Historicizing food sovereignty. **Journal of Peasant Studies**, v. 41, n. 6, p. 933–957, 2014.

McMICHAEL, P. A comment on Henry Bernstein's way with peasants, and food sovereignty. **The Journal of Peasant Studies**, v. 42, n. 1, p. 193–204, 2015a.

McMICHAEL, P. The right to food and politics of knowledge. **Canadian Food Studies/La Revue canadienne des études sur l'alimentation**, v. 2, n. 2, p. 52–59, 2015b.

OTERO, G. **The neoliberal diet: healthy profits, unhealthy people**. Austin: University of Texas Press, 2018.

PARK, C. M. Y.; WHITE, B.; JULIA. We are not all the same: taking gender seriously in food sovereignty discourse. **Third World Quarterly**, v. 36, n. 3, p. 584–599, 2015.

POWELL, L. J.; WITTMAN, H. Farm to school in British Columbia: mobilizing food literacy for food sovereignty. **Agriculture and human values**, v. 35, n. 1, p. 193–206, 2018.

RICHES, G. **Food bank nations: Poverty, corporate charity and the right to food**. London: Routledge, 2018.

ROSOL, M. On the Significance of Alternative Economic Practices: Reconceptualizing Alterity in Alternative Food Networks. **Economic Geography**, v. 96, n. 1, p. 52–76, 2020.

ROSOL, M.; BARBOSA JR, R. Moving beyond direct marketing with new mediated models: evolution of or departure from alternative food networks? **Agriculture and Human Values**, v. 38, n. 4, p. 1021–1039, 2021.

SAGE, C. **Environment and food**. London and New York: Routledge,

SCHNEIDER, G.; FAST, V. Mapping the growing capacity of climate smart food in urban environments. **Canadian Food Studies/La Revue canadienne des études sur l'alimentation**, v. 4, n. 2, p. 4–24, 2017.

SHAWKI, N. Transnationalism and Diffusion: A Study of the Food Sovereignty Movements in the UK and Canada. **Globalizations**, v. 12, n. 5, p. 758–773, 2015.

SIMON, G.-A. **Food security: Definition, Four dimensions, History**. Rome: University of Roma Tre, 2012.

STATISTICS CANADA. **2016 Census**. Ottawa. 2017. Disponível em: <https://www12.statcan.gc.ca/census-recensement/2016/dp-pd/index-eng.cfm>. Acesso em: 1 maio. 2020.

THE CALGARY FOOD COMMITTEE. **CALGARY EATS! A Food System Assessment and Action Plan for Calgary**. Calgary. 2012.

THE CITY OF CALGARY. **CalgaryEATS! Progress Report 2014**. Calgary. 2015.

THE CITY OF CALGARY. **CalgaryEATS! Food Action Plan Progress Report 2017**. Calgary. 2017.

VIVERO-POL, J. L. et al. **Routledge handbook of food as a commons**. New York: Routledge, 2018.

WITTMAN, H. Food sovereignty: a new rights framework for food and nature? **Environment and Society**, v. 2, n. 1, p. 87–105, 2011.

WITTMAN, H.; BARBOLET, H. "Super, natural": the potential for food sovereignty in British Columbia. In: WITTMAN, H.; DESMARAIS, A. A.; WIEBE, N. (Eds.). **Food sovereignty in Canada: creating just and sustainable food systems**. Halifax/Winnipeg: Fernwood Publishing, 2011. p. 190–211.

WITTMAN, H.; BLESCH, J. Food Sovereignty and Food Security: Connecting Public Food Procurement Programmes to Sustainable Rural Development in Brazil. **Journal of Agrarian Change**, v. 17, n. 1, p. 81–105, 2017.

WITTMAN, H.; DESMARAIS, A. A.; WIEBE, N. (EDS.). Food sovereignty in Canada: creating just and sustainable food

WITTMAN, H.; DESMARAIS, A. A.; WIEBE, N. (EDS.). **Food sovereignty in Canada: creating just and sustainable food systems**. Halifax: Fernwood Publishing, 2011.

YYC GROWERS. **YYC Growers and Distributors – Sustainable food on every Calgary plate**. 2018. Disponível em: <https://www.yycgrowers.com/>. Acesso em: 1 maio. 2020.

Contribuições dos autores

Todos os autores ofereceram substanciais contribuições científicas e intelectuais ao estudo. As tarefas de concepção e design do estudo, preparação e redação do manuscrito, bem como, revisão crítica foram desenvolvidas em grupo. O primeiro autor Ricardo Barbosa, Jr. ficou especialmente responsável pela maior parte desenvolvimento teórico-conceitual e a discussão sobre o exemplo de Calgary. O segundo autor Estevan Coca ficou responsável por parte do desenvolvimento teórico-conceitual e a discussão sobre o exemplo de Vancouver.

Ricardo Barbosa Jr. - É mestrando em Geografia da University of Calgary, Canadá, e doutorando e mestre em Relações Internacionais da Universidade de Brasília.

 <https://orcid.org/0000-0002-2704-3110>

Estevan Coca - Professor Adjunto do Instituto de Ciências da Natureza, da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG), onde atua nos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Geografia, além de ser Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO/Unifal-MG). É Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL).

 <https://orcid.org/0000-0001-9424-9699>

Recebido para publicação em 30 de julho de 2022

Aceito para publicação em 29 de setembro de 2022

Publicado em 14 de outubro de 2022